

— UAAAAARGH! —Quanto mais o velhaco do Franstein ultrapassava os orks verdes, mais o "waaagh" deles crescia. Taylor, sem querer, acabou inflamando o ânimo daqueles bichos verdes. Mas o objetivo da 15ª Companhia era apenas um: correr para se salvar. Quando o velho carango chegou na dianteira da horda de veículos metálicos dos orks, nem o próprio Taylor percebeu que haviam virado o alvo da perseguição geral. Aquelas criaturas sem cérebro agora só tinham um pensamento na cabeça: ultrapassá-lo! Aí o Franstein fez uma curva brusca para o outro lado, e Taylor, esparramado no banco, suspirou aliviado:— Ah, finalmente estamos seguros... Mas a garota da Caitlin gaguejou, assustada:— Chefe! Che... Chefe! Taylor bufou:— O que foi?! Quando levantou a cabeça e olhou pelo espelho traseiro, viu uma multidão de orks rosnando como se ele tivesse matado o pai de cada um, gritando "WAAAGH" enquanto avançavam. Taylor ficou boquiaberto e mandou acelerar mais, mesmo com o motor do Franstein gemendo de tanto esforço. Preferia pagar o conserto a virar comida de ork. O velho carango soltou um ronco poderoso e disparou, enquanto os orks atrás começaram uma disputa selvagem pelo segundo lugar — e não economizaram nos truques sujos. Foguetes, explosivos, canhões... de tudo que se pode imaginar (e até o que não se imagina) voava no ar. Taylor sentiu um frio na espinha só de pensar em ser pego no meio daquilo. Quanto mais aceleravam, mais a Caitlin gritava:— Chefe! CHEFE! UM PENHASCO! À frente, um abismo tão largo quanto o Grande Vale do Rift se abriu no caminho — centenas de metros de comprimento, dez de largura. Taylor engoliu seco e murmurou:— Imperador, por favor, me ajude nessa... Inspirou fundo e rosnou:— PULA! Mal terminou a frase, sentiu as pernas amolecerem enquanto se afundava no banco. Havia uma boa e uma má notícia. A boa: os orks estavam longe do acampamento humano. Taylor salvou muita gente. A má: ele ia morrer. Não era nenhum herói, mas pelo menos ia ter um fim épico. Suspirou, pegou o cantil na cintura e tomou um gole da bebida que escondera ali. Alcool... realmente, uma maravilha. O penhasco se aproximava. Fechou os olhos, sentiu o corpo levantar no ar... e despencar. CRÁC! Sentiu uma dor no meio das nádegas e abriu os olhos.— Tô vivo? TILT TILT BUM! O barulho de metal batendo ecoava atrás. Virou para trás e viu os veículos de guerra orks caindo no abismo como bolinhos numa fritadeira. Os da frente freavam, os de trás empurravam — parecia aqueles fliperamas de moedas. Taylor limpou o suor da testa e engoliu seco.— Que porra foi essa... Na outra margem, os últimos orks resmungavam com raiva. Taylor, irritado, saiu do carro e gritou, dedo do meio erguido:— NOTA ZERO PRA VOCÊ, IMPERADOR DEZ! Os orks entenderam a mensagem e apontaram os canhões ainda funcionando para ele.— Puta que pariu! — Taylor berrou. — Dá pra ligar essa sucata? VAMO VAZAR! Roland respondeu, desesperado:— Chefe, o motor morreu! Taylor fechou os olhos e começou a rezar:— Grande Franstein, espírito da máquina, só mais uma vez, pelo amor do Imperador! Vendo que nada acontecia, ele fez uma promessa desesperada:— Se me salvar, eu te construo um altar em casa! Foi quando uma voz clara e feminina surgiu no rádio:— Sério? Taylor congelou. — O espírito... é mulher? Mas não era o carro. Era um Cavaleiro Imperial, vermelho como sangue, descendo como um anjo vingador e cortando os últimos orks em pedaços. A voz perguntou de novo pelo rádio:— O que é um "altar"? --- Capítulo 19: A Lâmina Livre e o Seu Fim Na beira da estrada, Taylor acendeu uma fogueira com pedras e lenha. Pedacos de carne suculentos escorriam gordura sobre as chamas. Como era fogo direto, ele improvisou um suporte de metal para não queimar a comida — mais defumada que assada. Depois de polvilhar um tempero caseiro, a carne exalou um aroma que fez a Cavaleira Livre sorrir enquanto mastigava. — Achei que pessoal das Colmeias não soubesse cozinhar. Aquelas cidades de metal não parecem lugares onde humanos vivam. Taylor respondeu, olhando para as estrelas:— Mas ainda é meu lar. Aprendi a cozinhar quando sirvi nas fronteiras planetárias. Usava combustível de promécio pra esquentar a comida. Era proibido pelo Comissariado... na verdade, tudo era.— Mas sabe como é. Eu "não sigo regras", ou, pra ser honesto, sou teimoso mesmo. A Cavaleira riu:— Mas você cumpriu sua promessa. Usou sua inteligência e venceu os inimigos.— Depois desse ataque, os orks perderam força. Com a maior parte de seu lixo precioso no fundo do abismo, a vitória já está garantida. Taylor virou os bifés e dividiu o prato com a Cavaleira, Ilena. Perguntou:— Ouvi dizer que os Astartes estão vindo.— Sim — ela confirmou. — Os Anjos do Imperador vão finalizar o trabalho, como sempre. A Guarda segura a linha, eles cortam a cabeça da serpente.— Você deu a eles tempo e vantagem. O sucesso é

certo. Taylor deu uma risada amarga:— Foi sorte. Acredita? Ilena encarou-o e falou sem rodeios:— Se o Imperador te deu essa chance, foi porque você mereceu.— Contar com sorte assim vai me matar um dia — ele murmurou. Ilena então o puxou para perto, beijando sua bochecha com lábios ainda engordurados.— Então aproveita hoje primeiro... De repente, Taylor segurou a jovem nobre, cujo coração estava agitado, e disse: — Tem inimigos. Ielena amaldiçoou mentalmente aquelas criaturas malditas! Não podiam ter escolhido um pior momento para arruinar o clima entre eles. E ela que tinha se escondido num lugar tão isolado de propósito! Enquanto isso, Taylor levantou os olhos e usou seu binóculo com visão noturna para escanear o horizonte. Não demorou para avistar os inimigos. Era um pequeno grupo de patrulha dos Pele Verde - provavelmente investigando a queda daquele grande comboio de veículos. O grosso das tropas devia estar por perto. Perder tantos veículos certamente doía no bolso deles, não é? Taylor ligou o comunicador, relatou a posição e, pouco depois, ouviu-se o barulho de disparos de laser e projéteis. Ele respirou aliviado e perguntou: — Ainda está a fim de continuar o que estávamos fazendo? Ielena suspirou. — Não. E nem deveríamos. — Você e eu juramos nossas vidas ao Imperador, para sustentar esse império estelar podre e decadente. Taylor riu. — "Juramos"? Eu jurei lealdade, mas entrei na Guarda Imperial só para ter uma vida melhor. Se esse império nem consegue garantir a felicidade de seus soldados, então está perdido mesmo. — Tudo que faço é para sobreviver. Ele olhou para os corpos dos Pele Verde abatidos por seus soldados e sorriu amargamente. — Essa vai ser a minha vida daqui pra frente. Matar mais e mais inimigos do império só para continuar respirando. Até me aposentar, serão noites como essa, sem fim. — Não é por honra, nem por glória. É só para sobreviver. — Você entende, Cavaleira Imperial? Ielena observou o jovem e balançou a cabeça lentamente. — Não, não entendo. Você é um soldado da Guarda. Eu sou uma nobre de uma família de cavaleiros feudais. Mesmo que os dois sejamos diferentes, estamos em mundos separados. Ela sorriu, como se tivesse entendido algo. — O meu charme não é maior que o daquela herege? Eu investiguei, sabia? Aquela noite... vocês realmente não fizeram nada? — Eu não me importaria, sabe... Taylor foi direto: — Ainda tenho minha virgindade. Só isso. Ielena bufou. — Você está fingindo ser um poste? Eu quis dizer que podíamos continuar... Mas ele apenas respondeu: — Eu sou um poste. E levantou-se, indo em direção ao acampamento. Ele pertencia àquele lugar, não a um momento de paixão. Não podia se permitir isso. A qualquer instante, poderia morrer em combate. Ele era uma moeda do Imperador - só um pouco mais valiosa, que um dia seria gasta quando encontrasse um inimigo à altura. Mas, após alguns passos, parou, esfregou o rosto e resmungou: — Pra que eu fiquei me fazendo de durão? Essa talvez fosse minha única chance... Vou morrer virgem, é? Então, como um bom mestre do autoengano, afirmou para si mesmo: — Não, não. Vou cumprir meu serviço e me aposentar como veterano. Aí sim, vou poder escolher qualquer garota. — Além disso, o que rolou com ela foi só... um engano. Aliviado, seguiu rápido para o acampamento, onde seus soldados cuidavam dos feridos. Os malandros o encararam com sorrisinhos. — Chefe, já acabou? Tá rápido, hein? — zombou a soldada Ratling. A Cabo Kati, com o rosto corado, entregou-lhe uma bebida energética e disse: — Ouvi dizer que... esse tipo de atividade consome muita energia... Taylor deu uma palmada na cabeça de cada um. — A Cavaleira Imperial e eu somos apenas companheiros de armas. Parem de invencionice. Depois, mais sério, ordenou: — Quando os Astartes começarem a operação de limpeza, deixaremos este mundo. Se fizeram amigos aqui, ou conheceram alguém especial, resolvam isso logo. — Não sou de ferro. Podem ter umas folgas, se quiserem. Os soldados comemoraram, planejando o que fariam no tão esperado descanso. Enquanto isso, as duas garotas se aproximaram de Taylor, uma de cada lado. A Ratling disse: — Chefe, aquela receita de carne cozida que você falou... quero provar. Kati, porém, cortou: — Não. Agora é hora do briefing tático. Precisamos nos preparar para os próximos combates.